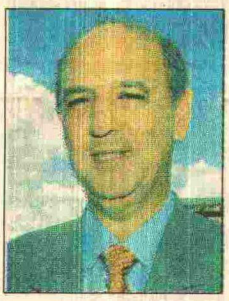
JORNAL DO BRASIL

Planejar para não errar

DF - Brasília



Arquivo JB

17 OUT 2004

JOSÉ ROBERTO ARRUDA
DEPUTADO FEDERAL (PFL-DF)

Planejar é uma forma de fazer as coisas para que nada dê errado. Parece simples e até óbvio, mas não é o que acontece na maioria das cidades brasileiras, que crescem desarvoradamente, sem que ninguém pense no futuro, na comodidade das próprias pessoas que ali estão, inadvertidamente ou por necessidade, resolvendo um problema imediato. É por isso que vemos problemas crescentes nas grandes cidades, aqui mesmo, no Entorno do DF.

O melhor ensinamento que se pode ter sobre a importância de um planejamento urbano é a aula prática que se tem no DF. Basta subir a EPTG – a Estrada Parque Taguatinga. Do lado esquerdo, Águas Claras; à direita, Vicente Pires. O contraste chega a machucar os olhos de quem ama esta cidade. Hoje uma das áreas mais valorizadas do DF, Águas Claras foi criada a partir da desapropriação de 134 chácaras e a construção dos prédios e da infra-estrutura obedeceu às mais modernas concepções de urbanismo, incluindo estações do metrô e um parque ecológico que garantem ótima qualidade de vida aos moradores. Foi uma idéia dos engenheiros Cláudio Santana e Vicente Nogueira Filho que encampamos e implantamos. O sucesso está aí: uma cidade consolidada, confortável, com toda a infra-estrutura necessária.

Não há dúvida que é uma das melhores cidades do DF e que, além de tudo, ainda rendeu R$ 600 milhões para os cofres do governo, oriundos da venda dos terrenos, e que estão sendo investidos na própria região, como na recém inaugurada estação do metrô, e na construção de vias e redes pluvial e de esgotos. O planejamento de Águas Claras ainda teve um efeito colateral benéfico para o cidadão, quebrando o cartel imobiliário, já que a preferência para a compra dos lotes no local é para as cooperativas, o que fez com que caísse sensivelmente o preço do metro quadrado construído, possibilitando que muitas famílias de classe média pudessem ter sua casa própria.

Do outro lado da pista, no entanto, implantou-se a bagunça. Situado numa área da União, o antigo setor de chácaras do córrego Vicente Pires, que durante muito tempo abasteceu o Distrito Federal de hortaliças no cinturão verde sonhado por Juscelino Kubitschek, foi transformado num amontoado de casas. Não há o menor respeito à coletividade, até porque não foram reservadas áreas para equipamentos públicos, como escolas, praças, centro de saúde. Nem mesmo um planejamento de vias decente há no local, repleto de ruas sem saída e curvas perigosas, prejudicando os próprios moradores do local.

Vicente Pires é, principalmente, resultado do descontrole das terras que a União tem no DF, mas que não toma conta delas. A situação é irreversível; agora só se poderá remediar o que foi feito, tentar dar um mínimo de organização urbana. As chácaras praticamente não existem mais e centenas de casas foram erguidas; mais uma vez o poder público terá que tentar remediar a situação da melhor maneira possível, mas até isso terá que ser feito depois da regularização fundiária que terá que passar pela doação da terra ao GDF. Desses dois exemplos é possível tirar algumas conclusões. A primeira delas é que a União deve ceder definitivamente todas as terras que ainda tem no DF para a administração local. Não há sentido em ter-se um governo autônomo que não controle as terras, até para poder planejar o inevitável crescimento da cidade. O GDF deve ter a responsabilidade de tomar conta do território.

Em primeiro lugar, a União deve ceder definitivamente todas as terras que ainda tem no DF para o governo local

É urgente a organização fundiária do Distrito Federal, e ela, necessariamente, passa pela definitiva cessão das terras da União à Terracap, que poderá administrar as áreas próprias para urbanização, de acordo com as necessidades da população e combater a invasão de terras públicas da mesma forma que vem fazendo com os terrenos de sua propriedade. A segunda lição é a necessidade de que o planejamento urbano anteceda a demanda. Sempre que se permitir a repressão da oferta por novas áreas habitacionais, corremos o risco de nos encontrarmos diante de soluções que depois se revelam problemas, como acontece em Vicente Pires e também em Itapuã, outra invasão em terras da União, próxima à cidade do Paranoá, e que também é praticamente irreversível, uma vez que milhares de famílias já estão no local.

O governador Joaquim Roriz soube muito bem planejar áreas para a moradia de baixa renda; para a classe média as últimas propostas foram a Octogonal, o Sudoeste e Águas Claras – há, agora, o Catetinho, ainda em fase de aprovação pelo Ibama.

É preciso atenção permanente com a questão habitacional, criar um mecanismo capaz de alertar as autoridades imediatamente sobre as demandas por áreas urbanas e, principalmente, um estudo mais amplo sobre a capacidade de urbanização do DF, para se ter claro a idéia do limite. Brasília nasceu a partir do planejamento responsável do presidente JK e dos que com ele planejaram e construíram Brasília e não pode abdicar deste legado de sabedoria.